

Mesa-Redonda: FOGO, INUNDAÇÃO E VEGETAÇÃO NO PANTANAL (SBB) (Sênior)

Sexta-feira, 26/7/2019 - das 15h30 às 18h00

Coordenador e palestrante: Geraldo Alves Damasceno Junior (UFMS)

Palestrantes: Alexandre de Matos Martins Pereira (IBAMA) e Edna Scremin-Dias (Fundect-MS)

O fogo no Pantanal e ações do governo federal para o controle e manejo dos incêndios florestais

Alexandre de Matos Martins Pereira

Analista Ambiental

PREVFOGO/IBAMA-MS

O Pantanal é um bioma dependente do fogo, igualmente ao Cerrado e aos Pampas. Ou seja, são biomas que dentro da sua história evolutiva tem o fogo como agente perturbador dos seus processos ecológicos.

Neste cenário, plantas e animais evoluíram e se adaptaram à presença do fogo, criando mecanismos de defesa, de resistência e até mesmo processos fisiológicos. O fogo ocorre naturalmente nestas regiões através de descargas elétricas atmosféricas (raios) que realizam a ignição e provocam os incêndios florestais. Geralmente, estes incêndios são interrompidos pela chuva que vem logo em seguida das descargas elétricas e queimando somente os combustíveis mortos e secos que estavam disponíveis a serem queimados.

Com a chegada do homem e alteração do uso da terra, outras formas de manejo foram adotadas alterando o regime natural da ocorrência de incêndios florestais. Alterações se deram tanto no intuito de excluir quanto no aumento da frequência e do período de ocorrência dos incêndios florestais.

O uso do fogo no Pantanal decorre da necessidade de promover o rebrote do pasto nativo para a produção de gado no modo extensivo. No intuito de acelerar o processo de queima, economizando tempo e dinheiro, o uso mais intenso do fogo é realizado nos meses mais secos da região, que são agosto e setembro.

A consequência desse manejo é a ocorrência de grandes áreas queimadas, incêndios florestais com alta intensidade, queimando toda a biomassa, inclusive a biomassa viva e atingindo áreas florestadas como cordilheiras e capões.

Nessa perspectiva, o governo federal, através do Centro Nacional de Prevenção e Combate aos Incêndios Florestais (PREVFOGO/IBAMA) vem atuando na tentativa de disciplinar o uso do fogo no Pantanal.

Dentre as ferramentas disponíveis e utilizadas pelo PREVFOGO estão o treinamento e contratação de Brigadas de prevenção e combate aos incêndios florestais, edição e proposição de normativos regulatórios ao uso do fogo, monitoramento da ocorrência de incêndios florestais através do sistema de detecção de focos de calor gerenciado pelo Instituto de Pesquisas Espaciais (INPE).

O acompanhamento e monitoramento dos incêndios florestais no Pantanal é uma atividade que é realizada desde 1998, com a disponibilização de dados de focos de calor obtidos pelo INPE. Com posse dessas informações é possível detectar quase em tempo real a ocorrência da presença do fogo em qualquer região do Pantanal. É possível ainda, identificar quais os períodos e regiões mais críticas, identificar padrões e assim ter uma ótima ferramenta de planejamento para as ações de prevenção, manejo e combate aos incêndios florestais.

Os dados de monitoramento mostram uma tendência de diminuição dos registros de focos de calor ao longo dos anos. Os anos de 2002 e o ano de 2005 foram os que registraram maior quantidade de focos de calor com 12486 e 12536, respectivamente. Para efeitos comparativos, o ano de 2018 fechou com o registro de 1691 e junto com 2014 – com 1568 focos de calor – foram os anos com menor quantidade registrada dentro desta série histórica. Observa-se que os meses mais críticos para o Bioma Pantanal são agosto com 1322 focos de calor registrados, setembro com 1812 e outubro 936 focos registrados. Um padrão que parece ocorrer é que anos subsequentes àqueles com baixa incidência de registros de focos de calor, apresentam um aumento significativo de registros. Esse padrão ocorre, provavelmente, pelo baixo consumo da biomassa por herbívoros e, principalmente, pelo fogo, fazendo com que essa massa combustível se acumule para o ano seguinte, propiciando aumento significativo na ocorrência de incêndios florestais. É claro que neste possível padrão há influências climáticas (anos mais secos ou chuvosos, invernos mais ou menos quentes – El Niño ou La Niña) e influência da variação da altura e do tempo de permanência das inundações na planície pantaneira.

Com base nestas informações algumas políticas públicas foram criadas no intuito de se disciplinar o uso do fogo no Pantanal. A principal delas é a Resolução Conjunta SEMAC-IBAMA/MS, a qual proíbe o uso do fogo através da execução da queima controlada no âmbito do Estado de Mato Grosso do Sul no período de 01 de agosto a 31 de outubro no Bioma Pantanal. O

objetivo da proibição é o de reduzir os efeitos negativos que o fogo pode causar aos ecossistemas e à saúde humana. Conforme apresentado acima, esse período é o que apresenta as melhores condições para o alastramento das chamas e, mesmo após a proibição estipulada pela norma, os meses mais críticos continuam registrando a maior quantidade de focos de calor. Em levantamento realizado para o ano de 2010, durante o período onde o ato normativo suspende qualquer tipo de uso do fogo para o manejo agropastoril, foram identificados uma média de cinco mil hectares queimados por dia, aproximadamente no município de Corumbá/MS.

Uma ferramenta chave na execução das políticas de manejo do fogo no Pantanal são as Brigadas. Elas são constituídas por pessoas locais e em terras indígenas, por indígenas. Estas pessoas são treinadas, equipadas e contratadas para exercerem seus trabalhos no período de maior incidência de incêndios florestais, em um período de seis meses, variando entre junho e dezembro. Os trabalhos realizados vão desde a prevenção ao combate. Na prevenção, as ações são focadas em campanhas educativas para escolas, orientações aos pequenos e grandes produtores rurais sobre quando e como utilizar o fogo como ferramenta de manejo agropastoril. Durante o auge da estiagem as Brigadas se deslocam via terrestre e/ou via fluvial para alcançar áreas remotas e combater os incêndios florestais.

Outro trabalho realizado pelas Brigadas é o manejo dos combustíveis através de queimas prescritas. O objetivo principal é reduzir a carga de combustíveis fora do período crítico, provocando “incêndios” de baixa intensidade, fazendo com que o fogo consuma apenas a biomassa seca/morta, criando mosaicos na paisagem de áreas queimadas e não queimadas, favorecendo os ciclos daquelas plantas e animais dependentes da presença do fogo. Além disso, esse ambiente “mosaicado” propicia que, quando do auge da estação seca, haja diminuição e maior facilidade no controle dos grandes incêndios florestais. A realização de queimas prescritas como ferramenta de manejo é ainda incipiente no Pantanal e sua aplicação se iniciou em 2017 tendo como seu maior laboratório a Terra Indígena Kadiweu.

Dentre os fatores que compõem a receita para a ocorrência de grandes incêndios florestais no Pantanal, estão as questões climáticas, altura e duração das inundações, ignição e combustíveis. Somente este último é passível de ser manejado. Desse modo, ambientes que são dependentes do fogo não podem excluir esse agente ecológico perturbador de seus processos. Contudo, o uso inadequado do fogo, ou seja, utilizá-lo em épocas de grande estiagem combinados com cheias curtas e pouco extensas, e com alta frequência pode trazer grandes prejuízos a conservação do Bioma Pantanal. Portanto, o conhecimento da interação entre inundação, produção e acúmulo de biomassa (combustível para os incêndios florestais) é essencial para a criação de novas políticas que disciplinem o uso do fogo com o intuito de manejar o ambiente e conservar este importante Bioma brasileiro.

